



“MARIA, MARIA JOÃO, JOÃO: REFLEXÕES SOBRE A TRANSEXPERIÊNCIA MASCULINA”

Simone Ávila¹
Miriam Pillar Grossi²

A transexualidade se fundamenta na não concordância entre o sexo biológico e o gênero através do qual a pessoa deseja ser reconhecida. Falar de transexualidade implica na reflexão sobre o que é sexualidade para além das concepções biológicas, obrigando-se a pensar nas vivências da sexualidade nos âmbitos privado e público, tanto como prática individual, como prática social e política. Da mesma forma, nos obriga desconstruir binarismos rígidos presentes nas categorias de gênero tradicionais: homem/mulher, masculino/feminino, heterossexual/homossexual (Bourcier e Moliner, 2008; Newton, 2008; Steinberg, 2006; Butler, 2006; Rebreyend, 2005; Preciado, 2004; Facchini, 2002; Pellegrin e Bard, 1999).

O presente artigo objetiva refletir sobre a produção da masculinidade enquanto identidade social na transexperiência masculina³. Entendemos transexualidade masculina a escolha de sujeitos designados biologicamente como mulheres, mas que buscam se identificar, através da nomenclatura, vestimenta e transformações corporais, como pertencentes ao gênero masculino. Partimos da constatação de que são praticamente inexistentes, no Brasil, estudos sobre transmasculinidade e que os transexuais masculinos parecem ter menos visibilidade que as transexuais femininas, tendo em vista a ampla variedade de estudos sobre travestilidades femininas, como os de Marcos Benedetti (2005), Don Kulick (1996, 1997, 1998), Roger Lancaster (1998) e Fernanda de Albuquerque e Maurizio Janelli (1995), e transexualidade feminina, como o estudo de Berenice Bento (2006) em comparação com a quase inexistência de similares sobre transexualidade masculina. Nossa pesquisa busca investigar a emergência desta « nova » identidade trans no país.

No nosso estudo, estamos realizando entrevistas semiestruturadas com transexuais masculinos de várias regiões do Brasil. O contato inicial com os interlocutores está sendo via Internet, através de dois blogs direcionados a transexuais masculinos, o Transhomem Brasil e o FTM Brasil, e da comunidade “Disforia de Gênero”, do Orkut, e através da nossa rede de contatos.

¹ Discente do Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: simoneavila10@brturbo.com.br

² Doutora em Anthropologie Sociale et Culturelle pela Université de Paris V - Professora da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: miriamgrossi@gmail.com

³ Definimos a categoria “transexperiência masculina” como processos de transformação do corpo de sujeitos assignados biologicamente como mulheres que se identificam com o gênero masculino



Além disso, criamos o site “Sou transhomem... e daí?”, que está se constituindo como um espaço de diálogo e interlocução. Até o momento, foram entrevistados pessoalmente dois transmasculinos e dezessete entrevistados por e-mail, com idades entre 17 e 60 anos. Nem todos os nossos interlocutores fizeram todo o processo de transição de um gênero a outro, alguns se encontram em fase inicial de transição ou ainda não iniciaram formalmente sua transição. Procuramos articular as suas falas com a produção teórica dos “estudos de gênero”, “estudos da masculinidade” (*masculinities studies*), “estudos trans” (*trans studies*) e das teorias *queer*.

Transexualidade como patologia

O discurso médico estabeleceu, no século XIX, uma correlação entre travestismo feminino e “inversão sexual” (Esther Newton, 2008), que perdura na literatura médica e no senso comum até o presente. Este discurso associa homossexualidade feminina com “masculinização”, com especial ênfase na questão vestimentária, ligada às convenções de roupa associadas rigidamente a cada sexo (e também marcadas por outras classificações sociais, como ocupação social). Isto se opera na segunda metade do século XIX e traduz a vontade científica de estabelecer mais firmemente uma norma, associada à heterossexualidade, e assim catalogar, isto é, nomear, classificar (e estigmatizar) os desvios vinculados tanto às práticas sexuais com pessoas do mesmo sexo, quanto às transgressões dos códigos de reconhecimento social, em particular o vestimentário.

Nesse contexto, a transexualidade passou a ocupar um espaço aberto pela psiquiatrização da homossexualidade como uma patologia. As discussões sobre transexualidade influenciaram a construção de uma concepção psicopatológica, com importantes repercussões, como a apropriação do que Daniela Murta (2008) chama de “experiência transexual” pela medicina e a necessidade de inserir procedimentos de redesignações sexuais em processos terapêuticos formais e normatizados, no caso, as cirurgias de transgenitalização.

Berenice Bento (2006) apresenta os teóricos que “inventaram” dois tipos de transexuais, um que se fundamenta na estrutura biológica, Harry Benjamin, e outro que se fundamenta na Psicanálise, Robert Stoller. Ambos os autores definiram critérios para o diagnóstico do que seria o “verdadeiro transexual”, embora ela mesma se aventure, ao longo do texto, em identificar as bases explicativas para a emergência do que ela denomina “experiência transexual”.

Harry Benjamin, em 1953, parte da idéia de que o “sexo” é composto de vários sexos: o genético, o gonádico, o fenotípico, o psicológico e o jurídico, entendendo que o sexo cromossomático (genético) seria o responsável pela determinação do sexo e do gênero: “o



transexual se sente uma mulher (...) e se sente atraído por outros homens. Isso faz dele um homossexual se seu sexo for diagnosticado de acordo com seu corpo. No entanto, ele se autodiagnostica segundo seu sexo psicológico feminino. Ele sente atração por um homem como heterossexual, ou seja, normal” (Benjamin, 2001, p.30 citado por Bento, 2006, p. 151).

Em 1975, Robert Stoller afirma que uma criança gostar de brincadeiras ou de se vestir com roupas de outro gênero seria indicativo de uma sexualidade “anormal”, sendo que a explicação para a transexualidade estaria “*na relação da criança com sua mãe, que, ao invejar os homens e ter um desejo inconsciente de ser como eles, ficaria tão feliz com o nascimento do filho que transfere seu desejo para ele*” (Stoller citado por Bento, 2006, p. 137). Importante destacar que Stoller chega a duvidar de um diagnóstico de transexualidade se o indivíduo não tiver uma mãe como ele a caracterizou (Bento, 2006).

Essas explicações médica e psicológica tiveram o poder de cristalizar a identidade transexual, em uma tentativa exitosa de “universalização” do transexual, uma vez que estabelece “*como verdadeira uma única possibilidade de resolução para os conflitos entre corpo, subjetividade e sexualidade, ao mesmo tempo em que os diferenciou de outros ‘transtornos’, como a homossexualidade e travestilidade*” (Bento, 2006, p. 151).

Como diz Foucault (2005), o discurso médico reflete e produz as representações sociais de um determinado momento histórico, associando papéis de gênero à identidade. Estas idéias estão presentes nos discursos de alguns nossos interlocutores na tentativa de compreender sua própria transexualidade. Por exemplo, Beto, 42 anos, diz: “*eu sempre me senti um menino, desde pequeno. Brincava com os guris....Gostava de jogar futebol, bolinha de gudes... gostava de brincar de carrinho.(...) eu achava que não gostavam de mim porque no Natal eu sempre ganha um brinquedo de guria (...).Pô! Vem cá. Afinal de contas, o que que eu sou?!? XX? XY? (...)* então fiz um teste genético e deu lá que eu tinha um ‘Y’...eu tinha 30 anos...foi isso que me ajudou a falar pra minha mãe!(...) eu achava que alguém podia me atestar isso... aí, depois disso e mais uns exames... uma série de coisas lá.... o médico concluiu que eu um transexual masculino e me encaminhou para um hospital que atendia transexuais.”

Maurício, 50 anos, também diz que sempre se sentiu um menino e que se apaixonou aos nove anos por uma colega da escola. Também fez, aos dezenove anos, um teste genético, no qual mostrava que “*faltava uma perninha lá num dos X*”, mas para o médico isso era inconclusivo para dizer se era por isso que ele se sentia homem.



Reni, 23 anos, conta que quando era muito pequeno pedia a Deus para que o transformasse em um menino: *“e eu acreditava que de um jeito mágico Ele me transformaria e eu acordaria como um menino”*.

As repercussões da medicalização e patologização da transexualidade se refletem diretamente na vida dos transmasculinos, seja por tornar os transmasculinos “doentes” que precisam de um tratamento sobre o qual não detém nenhum poder ou controle, tendo de se submeter às decisões dos profissionais de saúde, seja por não permitir aos sujeitos viverem sua identidade de gênero como bem lhes convir ou, ainda, por não ter o reconhecimento social, tornando-os vítimas de preconceitos e estigmas, ou reconhecimento legal da sua condição, principalmente no que se refere à dificuldade de adotar oficialmente o seu nome masculino, condizente com sua identidade de gênero.

Marcos, 31anos, diz encontrar muita dificuldade para conseguir emprego: *“uma das entrevistas era no centro da capital, em uma metalúrgica (...) eu falei sobre o meu caso e tals, pelo fato das vagas serem femininas... não me chamaram!”*

Essa concepção também afeta os familiares, como diz Carlos, 20 anos: *“para a minha mãe eu sou psicótico. Ela diz que eu tenho graves problemas mentais!”*

O psicanalista Paulo Roberto Cecarelli (2008) diz que a identificação da transexualidade é “autodignosticada”, isto é, são eles, os transexuais, que em determinado momento de suas vidas se percebem nesta condição. Preferimos dizer que a transexualidade é “autoidentificada” para colocar a questão em termos de “identidade” e não de “diagnóstico”, em uma tentativa de distanciamento dos discursos patologizantes.

Neste sentido, nos relatos dos nossos interlocutores esta situação fica evidente; eles se perceberam transexuais ao ler um livro, ao ver um transexual na mídia, ao encontrar informações na Internet... em suma, sua condição foi identificada a partir dos discursos sociais que circulam sobre transexualidade. Toni, 32 anos disse: *“desde os cinco anos eu senti que havia algo diferente, mas como para uma criança todas essas experiências são lúdicas, não sei se poderia dizer que me descobri aí. (...) Essa sensação permaneceu e foi em um crescente até cerca dos 22, quando eu vi o filme ‘Garotos não choram’. (...) e foi o que faltava para que eu juntasse alhos com bugalhos e aí sim dar uma ‘definição’ dessa sensação estranha de inadequação que já existia.(...) depois de ver o filme, contei pra minha família”*.

Flávio, 43 anos, conta que se descobriu transexual em 2002, quando adquiriu um computador e começou a pesquisar na Internet sobre sexualidade e ingressou em *“um grupo de*



homossexuais femininas, mas lá eu não fui bem aceito, então me disseram que eu deveria ser um transgênero. Pesquisando a respeito, achei a definição de transexualismo e me encontrei. (...) antes eu achava que era um 'butch', ou no popular, um sapatão ultramasculino. Mas sempre me senti deslocado no meio GLS, e os relacionamentos afetivos que tinha com homossexuais nunca me completavam e eu não sabia porque.”

Outro exemplo que citamos é o depoimento de Pedro, 22 anos: “*eu soube que existiam FTM (Female to Male) por acaso. Me deparei com uma entrevista num programa da Oprah⁴ e quem estava sendo entrevistado era o homem grávido, o Thomas Beatie (...) e foi aí, vendo esse programa, que eu soube o que eu era e o que eu devia fazer: a transição.*” Como já destacamos, a mídia, e mais recentemente a Internet, produzem identificações trans.

Várias autoras contemporâneas como Márcia Arán (2005), Ábiner Augusto Mendes Gonçalves (2006), Judith Butler (2006), Daniela Murta (2008) e Marie-Hélène Boucier e Pascale Moliner (2008) criticam e problematizam a definição da experiência transexual como uma condição anormal, apontando para novas classificações sociais da experiência trans, marcadas pela emergência das teorias *queer*. Para Daniela Murta (2008), o “*sujeito transexual não se encaixa em nenhum dos modelos propostos de identidade sexual segundo as práticas discursivas do século XIX*”, demonstrando a insuficiência das categorizações sexuais, que, como sugere Márcia Arán, subverte nossas crenças sobre sexo, gênero e identidade (Arán, 2005).

Transmasculinidade para além da patologia

Na redefinição de gêneros como performance e performatividade, Judith Butler questionou-se sobre a produção e reprodução do sistema sexo/gênero normativo e binário. Bourcier sintetiza esta posição afirmando: “*se a masculinidade não é colocada aos homens, se ela não é privilégio dos homens biologicamente definidos, é porque o sexo não limita gênero, e o gênero pode exceder os limites do binarismo sexo feminino/sexo masculino*” (Bourcier, 2005, p. 122)

No final do século XX e início do século XXI, a questão da transexualidade se coloca de outra forma, como propõem Nicole Pellegrin e Christine Bard: “*hoje o halo moral e médico de certas palavras se tornou insuportável para nossas sensibilidades contemporâneas*” (2008: 4). Para as autoras, as novas “identidades” trans: *butch*, *drag king*, e os sistemas de marcas corporais inéditas (uso de hormônios, musculação, etc.), são oriundas da inventividade *queer*, que

⁴ “*The Oprah Winfrey Show*” é o programa de maior audiência da história da televisão norte-americana. É transmitido no Brasil pelo canal por assinatura GNT



desmultiplica as identidades ligadas ao gênero e a sexualidade. As autoras dizem ainda que estes esforços de desmedicalização afetam até os/as transexuais, sendo que alguns/algumas preferem o termo transgênero, que permite iludir a questão da intervenção cirúrgica e exaltar a criatividade poligenérica. Além disso, diferentemente das políticas “feministas” ou “homossexuais”, a política da *multidão queer*, tal como apresenta Beatriz Preciado (2004) se baseia em uma multiplicidade de corpos que se alçam contra os regimes que constroem os corpos “normais” ou “anormais”.

Um dos pontos centrais no discurso e na produção do corpo trans é a acepção do corpo como tecnologicamente produzido e aumentável, com a possibilidade, por exemplo, de manter o clitóris acima do pênis reconstruído, que constitui um campo de batalha biopolítica evidente e inegável, mesmo que seja só por causa de sua relação necessária com o discurso e as práticas médicas, principalmente as cirúrgicas (Bourcier, 2008).

Os chamados “estudos da masculinidade” (*Masculinities studies*), surgidos nos Estados Unidos nos anos 90, propiciaram uma evolução na forma de abordar a masculinidade como gênero (Bourcier, 2008), no entanto, “*a questão da dominação masculina é uma das questões teóricas chave das reflexões teóricas feministas sobre o gênero (...) O binômio dominação masculina/submissão feminina tem sofrido uma série de questionamentos quando se estudam relações de gênero*” (Grossi, 2004: 15, 16).

Judith Halberstam, ao propor em seu livro *Female Masculinity*, publicado em 1998, uma masculinidade feminina (*female masculinity*), que seria sinônimo de “masculinidades sem homens”, concebe muito positivamente o fato de que “*a masculinidade não pertence aos homens*” e faz surgir lados inteiros de subculturas de gênero até então mal representadas, colocadas em discurso por outros, até mesmo patologizadas, como dito anteriormente, e concretamente reprimidas. “*Trabalhar sobre masculinidades femininas queer ou vivê-las nos ajuda a desconstruir e criticar a unidade imitada da masculinidade straight*⁵ (...) *trabalhar sobre a masculinidade feminina (sem homens) constitui um ponto de vista privilegiado (e não parcial) para compreender também como a masculinidade é constituída na cultura dominante*” (Halberstam, 1998:1). A estratégia de Halberstam permitiu explorar uma grande variedade de masculinidades femininas, forçadamente subversivas, até então invisibilizadas (Bourcier e Moliner, 2008).

No entanto, no Brasil, segundo o relato de Toni, os transmasculinos são invisíveis, mesmo para a maioria da população de lésbicas, gays, travestis e transexuais (LGBT). Ele diz: “*somos invisíveis para os gays, para as lésbicas, para as travestis, e quiçá, para algumas transfemininas.*”

⁵ Heterossexual



Você tem uma pessoa que se identifica como homem trans à frente da Associação da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo e só. É curioso como dentro da própria 'sigla' somos quase que uma margem à esquerda."

Quanto à masculinidade, Toni diz: *"(...) minha suposição é que pela necessidade de provar algo, muitos trans se apegam a conceitos e padrões dos mais arcaicos, e até machistas, para reafirmar essa masculinidade mais tradicional: o papel do homem provedor, que quer uma companheira, filhos"*.

Maurício tem posição semelhante a de Toni ao afirmar que *"por faltar algo em nós (pênis), muitas vezes exageramos nosso lado masculino, temos uma postura mais agressiva...talvez pra gente se afirmar (...) mas hoje eu lido melhor com isso."*

Como contraponto, Vini, 37 anos, diz: *"Hoje me vejo como um homem trans. Prezo o adjetivo transexual após a palavra 'homem'. Penso que facilita o entendimento das pessoas leigas e, mesmo sabendo que é uma categoria médica, penso que cumpre um papel: o de advertir que tenho especificidades que o processo de socialização feminina impingiu em mim. (...) não porto bandeiras, sou discreto, mas penso que a vida me impõe a política também em torno dessas questões. (...) sou portador de uma saudável e permanente, eu acho, revolta contra o sexismo e as terríveis dores que ele impõe."*

Na perspectiva de Otávio, 21 anos, *"(...) existe uma 'tese' de que os homens trans são mais sensíveis a certas causas e de que até compreendem melhor as mulheres, isso em decorrência de sua própria situação, eu concordo em parte (...) hoje me considero muito mais gente e muito mais capaz de entender as diversidades e aceitá-las, acho que sou mais sensível a causas sociais e às pessoas que parte seja em virtude da minha situação"*.

Cláudio, 60 anos, diz que *"nos últimos 26 anos, os transgêneros saíram da clandestinidade e conquistaram um espaço de cidadania. Embora o Ministério da Saúde reconheça a existência dos transexuais, o sistema jurídico continua a nos ignorar. Os que tentam uma requalificação civil ficam à mercê da deliberação de um juiz.(...) O que é ser macho? É ter peru, mijar em pé? Eu já era homem anos antes da cirurgia"*.

Kauê, 26 anos, parece ter uma postura mais transgressora e subversiva, quando diz *"descobri a palavra (transexualidade) muito tarde, aos dezessete anos e me assumi aos vinte e dois anos. Já fiz mastectomia através do mercado negro e estou atrás de tratamento psicológico, além do tratamento hormonal, que só aplico as ampolas quando as encontro no mercado negro"*, ou seja, ele está fazendo sua transição sem se submeter aos protocolos médicos reguladores dos



programas que atendem transexuais autorizados pelo Ministério da Saúde. Kauê chama de “mercado negro” uma rede não oficial de médicos paralela aos programas oficialmente autorizados, que aceitam realizar cirurgias como a que ele se submeteu sem a necessidade de apresentação de um laudo psiquiátrico ou uma avaliação psicológica do indivíduo, porém, este tipo de serviço é excessivamente caro, segundo ele. Sua outra acepção de “mercado negro” referente às ampolas de hormônios diz respeito ao tráfico de drogas.

Considerações finais

Nossas reflexões sobre a emergência da “nova” identidade trans no Brasil são ainda iniciais, mas parecem apontar especificidades que deverão ser aprofundadas ao longo da nossa pesquisa doutoral.

Um ponto que consideramos importante se refere às reivindicações de transexuais quanto à autodeterminação, livre de intervenções médicas, coações psiquiátricas (Judith Butler, 2004) e intervenções jurídicas.

Embora a magnitude do desenvolvimento atual dos “estudos trans” (*trans studies*) ou das “transsomatecnologias” testemunhem o fato de que os trans têm “*a palavra e a caneta*”, pois seus corpos e seu saberes lhes pertencem, ainda que esta realidade seja difícil de viver na França (Bourcier e Moliner, 2008), onde a transexualidade só foi despsiquiatrizada em fevereiro de 2010, e mesmo em tantos outros países como, por exemplo, o Brasil, os transmasculinos brasileiros parecem ainda estar sujeitos ao aparato regulador dos discursos e práticas patologizantes.

Na nossa concepção, as contribuições dos estudos de gênero, dos estudos trans, dos estudos da masculinidade e das teorias *queer* são suportes teóricos fundamentais na reflexão sobre a transmasculinidade, permitindo uma abordagem do tema que transcende os discursos patologizantes que ainda perduram. No entanto, como diz Marie-Hélène Bourcier (2008: 82), “*a produção da transmasculinidade continua a ser um percurso combatente ao longo da vida*”.

Bibliografia

ALBUQUERQUE, Fernanda de; JANELLI, Maurizio. *A princesa – Depoimentos de um travesti brasileiro a um líder das Brigadas Vermelhas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995

ARÁN, Márcia. *Transexualismo e cirurgia de transgenitalização: Biopoder/Biopotência*. Série Anis. n. 39, abril 2005. P. 1-4

BENEDETTI, M. *Toda feita – O corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005



- BENTO, Berenice. *A reinvenção corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006
- BOURCIER, Marie-Hélène. *Technotesto : biopolitiques des masculinités tr(s)ans hommes*. Cahiers du Genre, N. 45, 2008. P. 59-84
- BOURCIER, Marie-Hélène; MOLINER, Pascale. *Introduction*. Cahiers de Genre, N. 45, 2008. p. 5-14
- BUTLER, Judith. *Deshacer el gênero*. Barcelona: Paidós, 2006
- _____. *Precarious life – The powers of mourning and violence*. London/New York : Verso, 2004
- CECCARELLI, Paulo Roberto. *Transexualismo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 9.ed. São Paulo : Loyola, 2005
- GONÇALVES, Ábiner Augusto Mendes. *Transexualidade: entre o discurso jurídico e médico*. PADÊ: estudos em filosofia, raça, gênero e direitos humanos. UniCEUB, FACJS. v. 1, n. 6, 2006
- GROSSI, Míriam Pillar. *Masculinidades: uma revisão teórica*. Antropologia em Primeira Mão. N. 75, 2004. p. 1-37
- HALBERSTAM, Judith. *Female masculinity*. Durham: Duke University Press, 1998
- KULICK, D. *Causing a commotion: Public scandals as resistance among brazilian transgendered prostitutes*. Anthropology today. V. 6, n.12, 1996. p.3-7
- _____. *The gender of brazilian transgendered prostitutes*. American Anthropologist. V.3, n. 99, 1997. p.547-585
- _____. *Travesti – Sex, gender and culture among brazilian transgendered prostitutes*. Chigago: University of Chicago Press, 1998
- LANCASTER, R. *Transgenderism in Latin America: Some critical introductory remarks on identities and practices*. Sexualities. V.1, n.3, 1998. p. 261-274
- MURTA, Daniela. *Paradoxos entre o acesso a saúde e a patologização: algumas considerações sobre a psiquiatrização da transexualidade*. Fazendo gênero 8 – Corpo, violência e poder. Florianópolis, 25 a 28 de agosto, 2008
- NEWTON, Esther. *Le mythe de la lesbienne masculine : Radclyffe Hall et la Nouvelle Femme*. Cahiers du Genre, N. 45, 2008. P. 15-42
- PELLEGRIN, Nicole; BARD, Cristine. *Femmes travesties: un « mauvais genre » - Introduction*. Clio. Histoire, femmes et sociétés. N. 10, 1999. P. 2-8
- PRECIADO, Beatriz. *Multitudes queer*, 2004. Disponível em:
<http://multitudes.samizdat.net/Multitudes-queer,1465>. Data de acesso: 30/09/2009



REBREYEND, Anne-Claire. *Comment écrire l'histoire des sexualités au XX^e siècle ? Bilan historiographique comparé français/anglo-américain*. Clio. Histoire, femmes et sociétés, N. 22, 2005. P. 2-16

STEINBERG, Sylvie. L'histoire du travestissement féminin à l'épreuve de la pluridisciplinarité. In : LEDUC, G. *Travestissement féminin et liberté (s)*. Paris : L'Harmattan, 2006